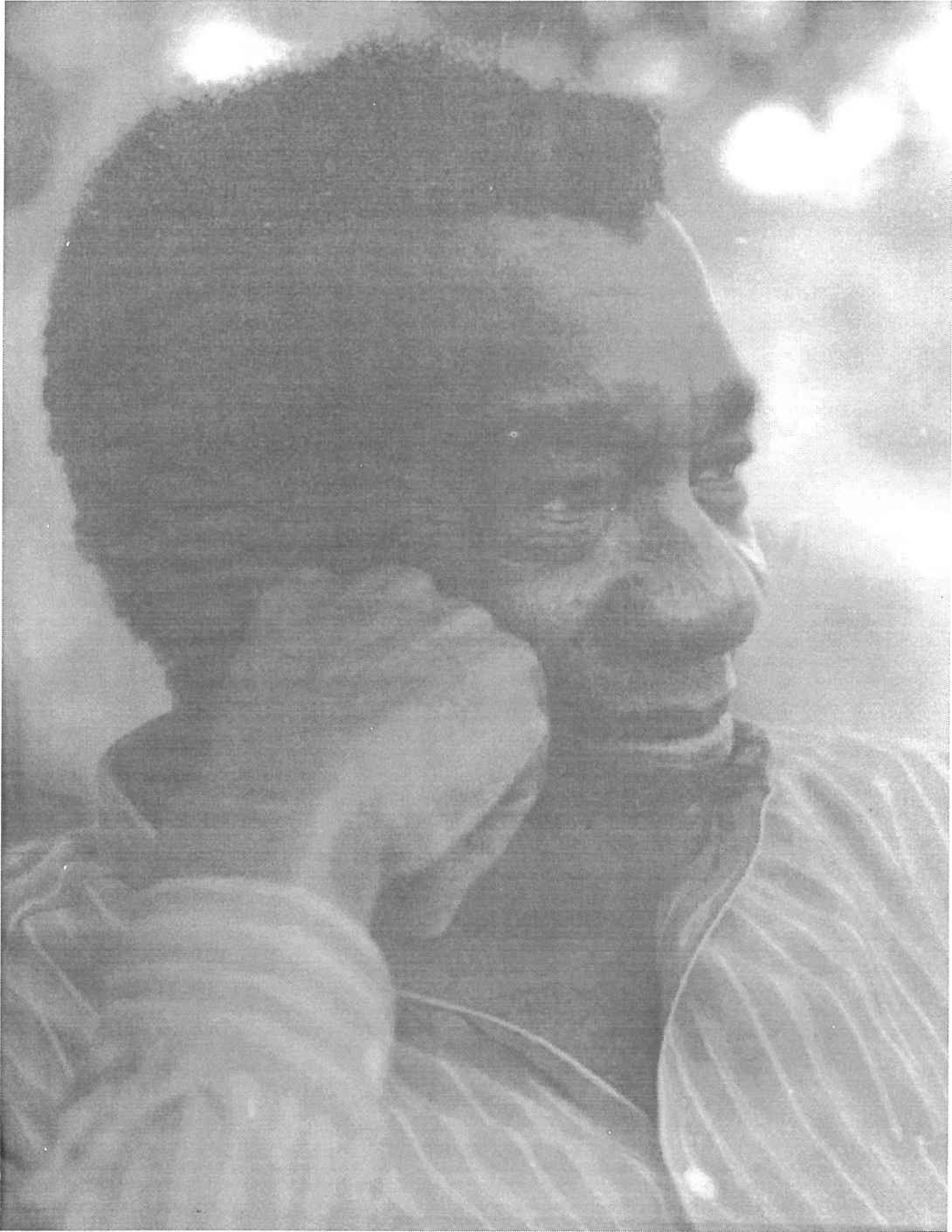


HOMENAGEM

A

MILTON SANTOS

1926-2001



EVOCACÃO SAUDOSA E OPORTUNA. Odilon Nogueira de MATOS*

Permitam-nos amáveis leitores um longo retrocesso no tempo (mais de 50 anos) pelo prazer de evocar importante evento em Belo Horizonte, lá por 1948 ou 49, assinado por um congresso de geógrafos a que tivemos o privilégio de comparecer.

A capital mineira acorreram principalmente geógrafos de São Paulo e do Rio de Janeiro, mas, também, alguns poucos de outros Estados, especialmente de Pernambuco. Naquele ano (era anual a periodicidade das reuniões), compareceu pela primeira vez, vindo da Bahia, um jovem recém-formado, muito alegre, bem falante (como todo baiano) e atraindo, por isso mesmo, a simpatia de todos. Era a primeira vez que aparecia alguém sem pertencer ao quadro de geógrafos ou sem estar vinculado a alguma entidade científica, enfim alguém vindo “sponte sua”, como a desejar ingresso na confraria já então devidamente constituída. Mas ainda: trazia um trabalho para figurar no congresso e, se possível, ser publicado nos respectivos anais.

Houve uma certa dúvida quanto a aceitação de sua colaboração, de fato, inferior ao que normalmente se exigia. Mas, alguns congressistas (entre os quais orgulhamo-nos de estar incluso) fizeram ver aos responsáveis pela reunião que a boa-vontade demonstrada pelo jovem participante já constituía um elemento positivo a ser considerado para sua admissão não só no congresso, mas no quadro social da entidade que promovia tais reuniões. E não nos enganamos. Por mais de dez anos seguidos o jovem colega participou ativamente dos congressos (“assembléias, como os chamávamos”) realizados em diversos pontos do

Brasil. Tivemo-lo como companheiro excelente, e cada vez com trabalhos mais aprimorados, em diversos lugares do Brasil, desde o Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul.

Circunstâncias que não vêm a pêlo mencionar, implicaram num esvaziamento de tais reuniões, que acabaram sendo desativadas; a última realizada, se a memória não nos falha, foi no Espírito Santo uns dez ou doze anos depois. E com essa desativação tornaram-se mais raros os contatos com os geógrafos de todo o Brasil, particularmente com o nosso jovem colega baiano, que, obviamente prosseguiu a sua carreira nos domínios da Geografia, dominando-a em vários sentidos e tornando-se um dos maiores especialistas nessa matéria.

É provável que algum leitor já tenha percebido que estamos cuidando de Milton Santos (1926-2001), uma das mais altas expressões culturais de nosso país e que vem de falecer depois de uma brilhante carreira que o levou a vários países e afirmando-se como o maior geógrafo brasileiro dos nossos dias.

Os jornais que se ocupara, de seu falecimento deram destaque à sua carreira e à sua obra científica, verdadeiramente revolucionária, nos quadros da cultura geográfica. “Em vez de fazer uma mera descrição de relevos, passou a analisar as conseqüências que a Economia, a Política, o desenvolvimento urbano, a estrutura agrária e os problemas sociais têm na vida cotidiana”, salientou uma das notícias de seu falecimento, ressaltando, como se vê, o sentido humano que ele soube dar à Geografia.

* Doutor em História, Professor da Faculdade de História, Centro de Ciências Humanas, PUC-Campinas.

Em sua bela carreira, esteve treze anos fora do Brasil, ministrando cursos na França, no Canadá, nos Estados Unidos, na Venezuela e na Tanzânia, onde permaneceu por mais tempo. Retornando ao Brasil, tornou-se a grande figura “geográfica” da Universidade de São Paulo, solicitado a todo instante para as mais diversas atividades e em todas partes do Brasil, nas quais

colaborou sempre com o espírito humanista que soube dar à sua cultura, nos mais diversos aspectos que abordou.

Esta modesta nota pretendeu apenas mostrar o início de uma brilhantíssima carreira que honrou particularmente a ciência geográfica e sobremaneira nosso país.

MEU LUGAR. À Milton Santos. Rui Ribeiro de CAMPOS*

O lugar é minha morada
 minha morada compõe o lugar.
 Neste lugar produzimos a vida
 o espaço por nós produzido
 a natureza por nós alterada.

Me localizo na minha morada
 que está na Terra mas não é o planeta.
 Definida pela intensidade da vida,
 que dará longevidade ao meu lugar
 se espaço for de nossa decisão.

Lugar que não escolhi para nascer
 lugar que escolhi ao permanecer.
 Construindo nele minha morada
 e ela fazendo dele um lugar;
 parte de muitas características
 como são elas parte deste lugar.

Do meu lugar vejo o mundo
 mundo que é mais como o vejo
 do que como necessariamente é.
 Mundo que a mídia diz como é
 tão diferente, às vezes, do mundo de meu
 lugar
 que também é o meu lugar no mundo.

Mundo que são mundos
 desiguais por serem diferentes:
 seus espaços antes naturais
 suas heranças culturais
 suas afeições ao circundante
 e às pessoas integrantes.

Vários mundos formam o mundo
 e nele, meu lugar tem um peso
 pequeno para o mundo
 grande para mim;
 não é um local mundial
 ainda que, para mim, quase global.

Quase por necessários completudes
 que me ligam a lugares próximos
 -por isso, partes do meu -
 acessórios de minha vida
 de um projeto que ganhará sentido
 senão for somente de um lugar
 e nem de lugares diferentes.

o que vem pelas ondas do satélite
 respondido é pela contiguidade da
 vizinhança.

Ao vertical que me impõem
 defendendo-me com o horizontal;
 à emoção das ondas do espaço sideral
 (logo esquecidas)
 o contrapor do viver do espaço social
 (marcas incorporadas).

Para não me perder no global
 Recolho-me à minha nação
 ao meu território
 formado pelo lugar - e outros a ele ligados -
 onde moro,
 pois, existir é morar num lugar
 integrado a um território
 que se deseja nação
 criadora de seu destino.

(*) Professor de Geografia na PUC-Campinas, mestre em Educação e doutorando em Geografia no IGCE-UNESP, campus de Rio Claro (SP).

A revista *Humanitas* publica artigos inéditos relacionados com as diversas áreas das Ciências Humanas, principalmente Ciências Sociais, Geografia e História, buscando incentivar a produção de trabalhos interdisciplinares, nas seguintes categorias: **Artigo Original** e **Resenhas**.

Submissão de trabalhos. Os artigos serão submetidos à avaliação por pelo menos dois revisores, em procedimento sigiloso quanto a identidade tanto do(s) autor(es) quanto aos revisores. Caso haja utilização de *figuras* ou *tabelas* publicadas em outras fontes, deve-se anexar documento que ateste a permissão para seu uso. O Conselho Editorial devolverá os trabalhos que não se seguirem os padrões destas "Instruções".

Apresentação das colaborações. Enviar os textos e/ou resenhas para o Conselho Editorial do Instituto de Ciências Humanas - PUC-Campinas, em uma cópia, preparado em espaço 1,5, com fonte Time New Roman tamanho 11 e limite máximo de 30 laudas para **Artigos Originais** e 5 laudas para **Resenha**. Para esclarecimentos de eventuais dúvidas quanto à forma e outros aspectos, sugere-se consulta a este fascículo. Aceitam-se trabalhos escritos somente em português e espanhol, com título, resumo e palavras chave no idioma original e em inglês. Após aprovação final encaminhar em disquete 3,5", empregando editor de texto MS Word versão 6.0 ou superior. Endereço para envio: Conselho Editorial - CCH-PUC-Campinas, Campus I, Bloco H 11, Rodovia D. Pedro I, km 136 - Campinas, SP - Caixa Postal 317 - CEP: 13086-900. Endereço eletrônico: fes@puc-campinas.edu.br

Página de título. A primeira lauda do original deve conter a) título do artigo (português e inglês), b) nome completo de todos os autores, c) indicação da Instituição onde cada um dos autores é afiliado, acompanhada do respectivo endereço para correspondência e/ou endereço eletrônico; d) se foi subvencionado, indicar nome da agência de fomento que concedeu o auxílio; e) se for extraído de dissertação ou tese, indicar título, ano e instituição onde foi apresentada; f) se foi apresentado em reunião científica, indicar nome do evento, local e data de realização.

Resumo/abstract: Com exceção dos textos apresentados como Resenha, os trabalhos submetidos deverão ter resumo com no mínimo 50 e no máximo 100 palavras no idioma original e em inglês. Não deve conter citações e abreviaturas. E deve estar na primeira página.

Palavras-chave/keywords: seguido do resumo/abstract, em mínimo de 3 e um máximo de 5.

Texto. Com exceção dos manuscritos apresentados como Resenha, os trabalhos deverão seguir a estrutura formal dos trabalhos científicos e de acordo com as normas aqui apresentadas.

Referências bibliográficas de acordo com a NBR-6023/1989.

No texto citar o sobrenome do autor, seguido do ano de publicação, como ABRANCHES (1987); se forem dois autores, o último sobrenome de ambos separados por &, como em

CAREY & SHUGART (1998) e se forem três ou mais autores, o sobrenome do primeiro autor seguido *de et al.* e do ano da publicação, como em STARK *et al.* (1998). As referências citadas deverão estar no final do trabalho relacionadas em ordem alfabética, de acordo com o sobrenome do primeiro autor devendo constar os nomes de todos os autores.

Os títulos de periódicos constantes das referências deverão ser apresentados por extenso, seguidos do local de publicação. Se um artigo estiver em via de publicação, indique: título do periódico, ano e outros dados disponíveis, seguidos da expressão, entre parênteses, **no prelo**. As publicações não convencionais, de difícil acesso, podem ser citadas desde que contenham o máximo de informações e a sua localização. As referências devem ser apresentadas corretamente, de acordo com os exemplos a seguir. *A exatidão e a adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são de responsabilidade do autor.*

Exemplos:

Livros

SACHS, I., **Ecodesenvolvimento, crescer sem destruir.** Tradução de Encida Cidade Araújo. 2.ed. São Paulo : Vértice, 1986.

Artigos

REIS, E., "Elites agrárias, state-building e autoritarismo". In **Dados**, v. 25, n.3, p.275-269, 1982.

Coletânea

ABRANCHES, S.H., Governo, empresa estatal e política siderúrgica: 1930-1975. In: LIMA O.B., e ABRANCHES, S.H. (org.). **As origens da crise.** São Paulo: IUPERJ/Vértice, 1987.

Teses acadêmicas

BARBOSA, S.R.C.S. **Qualidade de vida e suas metáforas Uma reflexão sócio-ambiental.** Campinas, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1996, 326p.

Citações bibliográficas no texto. Deverão ser colocadas em ordem numérica, em algarismos arábicos, meia linha acima e após a citação, figurando como nota de rodapé, devendo constar da lista de referências bibliográficas ao final do texto. Pode-se citar como no exemplo: Barbosa, 1996:247, o que diminui o excesso de notas de rodapé.

As nomenclaturas deverão ser utilizadas de forma padronizada, observando rigorosamente as regras de nomenclatura das Ciências Humanas, assim como abreviaturas e convenções adotadas em disciplinas especializadas. Devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Não devem ser usadas no título e no resumo.

